

DEMÔNIA: A EXPRESSÃO DA CORPA GORDA E DE OUTROS ELEMENTOS DISSIDENTES ATRAVÉS DO BURLESCO

Raíssa Ferreira Panatieri (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)¹
Henrique Saidel (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)²

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como a corpa gorda (o corpo feminino gordo) e outros universos dissidentes podem ser visibilizados e potencializados através de elementos burlescos, tais como: performance autoral de curta duração, sátira, erotismo, *pasties* (tapa-seios) e strip-tease. Com o movimento *Body Positive* (imagem corporal positiva) ganhando força no século XXI através da internet, as discussões sobre a aceitação e valorização dos corpos gordos aumentaram consideravelmente. Mesmo assim ainda é raro o protagonismo de atores gordos, principalmente atrizes gordas, nos palcos e produções para grande mídia: as corpas gordas ainda não possuem a visibilidade e a recepção que alguns corpos marginalizados já estão conquistando na televisão, no cinema e nas plataformas de *streaming* de vídeo. Socialmente a corpa gorda é alvo de diversas violências cotidianas; entretanto, vou concentrar este estudo na relação afetivo-sexual destas corpas com os homens heterossexuais. Ao mesmo tempo em que a mulher gorda é vista como feia e inadequada para ser apresentada aos amigos e à família, sendo invisibilizada para relações de afeto público, por outro lado sua corpa é objetificada: considerada pelos homens como ideal para o sexo, em razão das grandes proporções, servindo somente para momentos sigilosos. É uma corpa que convive com a misoginia e a gordofobia, que não tem vantagens afetivas e sociais, existindo só para o prazer do outro. Através da performance *DEMÔNIA DEVORADORA DE CARALHOS* exponho essa hipersexualização e utilizo-a em meu favor, buscando transformar a subserviência, a objetificação e toda a minha corpa em potência cênica.

PALAVRAS-CHAVE

1 Bacharelanda em Interpretação Teatral do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. BIC: Bolsista de Iniciação Científica na mesma universidade, orientada pelo Prof. Dr. Henrique Saidel (DAD/IA/UFRGS). Cantora profissional, professora de música, atriz, locutora e produtora de rádio e TV.

2 Professor Adjunto A do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Diretor de teatro, performer, curador e colecionador de brinquedos.

Performance art; Burlesco; Corpa gorda; Erotismo; Hipersexualização.

ABSTRACT

This research aims to investigate how the fat *corpa* (the fat female body) and other dissident universes can be made visible and potentialized through burlesque elements, such as: short-term authorial performance, satire, eroticism, pasties (nipple covers) and striptease. With the Body Positive movement gaining strength in the 21st century through the internet, discussions about the acceptance and appreciation of fat bodies have increased considerably. Even so, it is still rare to see fat actors, especially fat actresses, as protagonists on stages and productions for the mainstream media: the fat *corpas* still don't have the visibility and reception that some marginalized bodies are already achieving on television, cinema and video streaming platforms. Socially, the fat *corpa* is the target of different everyday violences; however, I will focus this study on the affective-sexual relationship of these *corpas* with heterosexual men. At the same time that the fat woman is seen as ugly and inadequate to be presented to friends and family, being made invisible to relationships and public affection, on the other hand her *corpa* is objectified: considered by men as ideal for sex, due to its large proportions, serving only for secret moments. It is a *corpa* that coexists with misogyny and fatphobia, which has no affective and social advantages, existing only for the pleasure of the other. Through the performance "SHE-DEVIL DEVOURER OF DICKS", I expose this hypersexualization and use it in my favor, seeking to transform subservience, objectification and my entire *corpa* into scenic power.

KEYWORDS

Performance art; Burlesque; Fat *corpa*; Erotism; Hypersexualization.

Inspirada pelas artistas Márcia Teresinha Metz (2019) e Maria Fernanda Vilela de Magalhães (2017), toda vez que eu me referir aqui ao corpo feminino vou utilizar a palavra corpa. Eu sou uma mulher gorda e posso afirmar: ser gordo é estar à margem da sociedade. É ser convidado pelos amigos para uma *happy hour* e não saber se você vai caber nas cadeiras do bar. É ter o medo diário de entalar na catraca do ônibus. É não encontrar roupas no comércio usual, sendo necessário pagar exorbitâncias em lojas

especializadas ou ser obrigado a fazer roupas sob medida. É notar olhares de repulsa das pessoas que passam, por vezes seguidos de comentários ofensivos. É sofrer preconceito inclusive na área da saúde, onde muitas vezes os médicos nem investigam possíveis causas de problemas, atribuindo tudo à obesidade do paciente. A filósofa e ativista contra a gordofobia Maria Luisa Jimenez Jimenez (2020) ilustra muito bem essa realidade:

São saberes hegemônicos em que o corpo gordo é entendido como doente, inferior e desprezível, reverberando, na sociedade contemporânea, um ódio a pessoas gordas e provocando perda de direitos, falta de acessibilidade e estigmatização, que as exclui, humilha, cria traumas e, muitas vezes, mata (2020, p. 148).

Mas a situação da mulher gorda é ainda pior. Em *O Mito da Beleza* (1992), a jornalista e escritora feminista Naomi Wolf conta que, através do feminismo, as mulheres obtiveram inúmeras conquistas, como o direito à educação básica e superior, ao voto, à igualdade salarial com os homens e ao controle reprodutivo da própria corpa. Como consequência, os homens perderam muito do controle físico e psicológico que tinham sobre as mulheres, o que se tornou uma ameaça às instituições regidas por eles. Então, a tirania da beleza – tendo a magreza excessiva como a principal arma de dominação e lucro sobre as corpos – é instaurada no século XX e segue firme até hoje. Segundo Wolf, “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (1992, p. 11).

A fragilidade física, característica de mulheres magras, é lida como feminina, enquanto a opulência das mulheres gordas é associada à força e ao exagero: exatamente o contrário do que o padrão de beleza prega. No entanto, a corpa possui naturalmente áreas em que a gordura se acumula de forma diferente em comparação ao corpo masculino. Os seios, o quadril, a barriga e as coxas costumam ser maiores nas mulheres e formam as chamadas “curvas”, que tanto atraem sexualmente os homens heterossexuais. E, quando as mulheres têm essas características corporais mais salientes do que uma mulher considerada magra, ou as possuem em grandes proporções, ela é chamada de gorda.

Apesar de a magreza ser o ideal de aparência feminina hoje, no Ocidente, os homens não deixaram de desejar as gordas: mas justamente por esse código social, relegam essas mulheres à objetificação sexual. A mulher gorda é vista como feia e

inadequada para ser apresentada aos amigos e à família, sendo invisibilizada para relações de afeto público. Sua corpa é fetichizada, servindo somente para momentos sigilosos. É uma mulher que não tem vantagens afetivas e sociais, existindo só para o prazer do outro. E essa hipersexualização pode acontecer em plena luz do dia, na rua: já ouvi desde comentários libidinosos à meia-voz, até um episódio de xingamento aos berros em que o agressor quase encostou em mim. Ser uma mulher gorda é sofrer em dobro, misoginia e gordofobia juntas quase o tempo todo.

E como é ser uma atriz gorda? Em toda a minha vida sofri com a falta de representatividade no meio audiovisual e no teatro. Com o movimento *Body Positive* (imagem corporal positiva) ganhando força no século XXI através da internet, as discussões sobre a aceitação e valorização dos corpos gordos aumentaram consideravelmente. Mesmo assim, ainda é raro o protagonismo de atores gordos, principalmente atrizes gordas, nos palcos e produções para grande mídia: as corpas gordas ainda não possuem a visibilidade e a recepção que alguns corpos marginalizados já estão conquistando na televisão, no cinema e nas plataformas de *streaming* de vídeo.

De acordo com os professores de comunicação Agnes de Sousa Arruda e Jorge Miklos (2020, p. 121-123), são cinco os estereótipos midiáticos das mulheres gordas: o “Alívio cômico”, a “Estepe para o personagem principal”, a “Personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético, errado”, a “Eterna romântica”, e “O emagrecimento que transforma”. A gorda do “Alívio cômico” pode ser a engraçada, a que faz os outros rirem de suas piadas: mas pode ser também aquela cuja aparência já é o motivo de escárnio das pessoas. Ela vai aparecer comendo de forma grotesca, e sua corpa gorda vai fazer com que a personagem tenha movimentos espalhafatosos e cause acidentes a si e aos outros. A “Estepe para o personagem principal” vai ser aquela que até pode ser uma mulher inteligente e interessante, mas sua corpa a torna uma coadjuvante. É a que vive em função da protagonista magra, aconselhando e subindo a moral da amiga. Já a “Personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético, errado” é a ideia que a pessoa gorda não tem higiene, não sabe se vestir, é preguiçosa e está sempre desleixada. A “Eterna romântica” é aquela que sonha com um amor que provavelmente nunca encontre: ou se encontrar, será alguém que precisou abrir mão de seus paradigmas para amar uma gorda. A gorda do “O emagrecimento que transforma”, é a mulher que só é respeitada pelos seus e só dá certo na vida depois que emagrece.

Sobre as corpas gordas em relação ao teatro, a atriz Márcia Metz (2019, p. 26) reflete: “Uma corpa, apenas por sua existência no palco é capaz de afetar outras corpas.

Uma corpa que se insurge a uma hegemonia, como a gorda, tem a potencialidade de afetar de um modo diferente do habitual”. No último espetáculo que participei, *Chiicago – Nem Tudo é Jazz*, uma releitura do musical *Chicago* para o Brasil atual, só fui a protagonista porque a personagem tornou-se gorda nesta versão. A gordofobia é uma pauta importante da peça. Por isso, não tenho a ilusão de ser chamada para outros papéis principais, porque a ideia de *physique du rôle* (o físico apropriado para o papel) ainda está muito presente no fazer teatral daqui de Porto Alegre, a cidade onde eu vivo, e de maneira geral em espetáculos brasileiros, de outras regiões, apresentados aqui. Quantas Julietas e Ofélias gordas já foram vistas nos palcos nacionais, em produções locais ou estrangeiras? E mesmo em peças cuja dramaturgia foi criada agora, quantas gordas no papel principal são vistas todo ano nos festivais de teatro pelo Brasil? Metz também fala da importância de se ver corpas gordas em todos os papéis:

Se as nossas potências são identificadas no momento dos encontros, a corpa gorda, gordinha ou gorducha deveria poder estar presente no máximo de situações cênicas possíveis para que não estivesse limitada a esta ou aquela possibilidade de representação, cumprindo com a potencialidade de dispositivo de conexão (2019, p. 26).

Vale também a reflexão: muitas vezes não há sequer um corpo gordo no elenco, seja masculino ou feminino, coadjuvante ou protagonista. Em relação às mulheres, seria porque existem poucas atrizes gordas? As atrizes gordas não seriam competentes? Ou os diretores deixam de chamar essas atrizes porque não as consideram “adequadas”, bonitas e “ágeis” o suficiente para estarem em cena? Por mais moderno que o meio teatral seja considerado, muitas barreiras relacionadas a corpos marginalizados (gordos, pretos, pessoas com deficiência, entre outros) ainda precisam ser derrubadas.

Em 2018, tive a felicidade de acompanhar a primeira edição do evento *Burlesco: cena, corpo e política*, no Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, coordenado pelo Prof. Dr. Henrique Saidel, que contou com uma mesa-redonda e um workshop ministrado pela artista burlesca Giorgia Barbosa da Conceição (a.k.a. Miss G.). Foi incrível ver uma mulher gorda, da minha geração, tão segura com a própria corpa e suas possibilidades. Uma gorda linda, sensual, sem pudores, criadora e diretora de si mesma. A partir desse acontecimento e também da observação de outros artistas, entendi que o burlesco acolhe e festeja corpos fora do padrão vigente, como a própria Giorgia explica muito bem:

Burlesque – ou burlesco – é relacionado à produção de performances de mulheres, queer, e outros corpos marginalizados: subjetividades e identidades que não se enquadram nos padrões das artes oficiais, e não citados dentro da historiografia ou da crítica artística oficial (2018).

A performance do burlesco contemporâneo caracteriza-se por cenas curtas, que duram poucos minutos, onde geralmente acontece um strip-tease. Esse “tirar a roupa”, realizado com sensualidade e provocação, gera uma pronta conexão com o público. O deboche e o “rir de si mesmo” estão muito presentes nas performances, como veículo para a crítica de questões sociais e políticas.

E então, no segundo semestre de 2019, cursei a disciplina LABORATÓRIO DE PRÁTICA CÊNICA B (DAD/IA/UFRGS), ministrada pelo mesmo professor criador do evento que citei acima, e que hoje é o meu orientador de pesquisa. A disciplina propunha o trabalho com mais de uma linguagem, com os alunos organizados sozinhos ou em grupo, mas eu optei obviamente pelo burlesco, e criei a cena solo que é a razão deste artigo. Em 2021, fui monitora dessa disciplina e recebi a tarefa de também criar uma performance e apresentá-la junto com os trabalhos dos alunos. Decidi resgatar a minha obra de 2019, reformulando-a e fazendo dela meu primeiro estudo científico em artes cênicas. Eu penso que não há nada mais próximo, interessante e ao mesmo tempo desafiador do que falar de si mesmo, transformar a própria vivência em arte. E, se os outros não me dão o protagonismo, eu mesma me dou: como mulher gorda e artista criadora, escolhi navegar na contramão, sendo a protagonista da minha performance e fazendo dela um manifesto potente e divertido. Através de *DEMÔNIA DEVORADORA DE CARALHOS*, exponho a gordofobia, a misoginia e a hipersexualização que já sofri no passado e ainda convivo no presente, utilizando-as em meu favor, buscando transformar a subserviência, a objetificação e todo a minha corpa em potência cênica.

A cena é dividida em três atos: “ÂNSIA”, “REVOLTA” e “EMPODERAMENTO”. A demonização da mulher na civilização ocidental judaico-cristã, que aconteceu principalmente na Inquisição, rende frutos até hoje: por isso, nada melhor do que uma demônia gorda para representar a luta contra as opressões de gênero e estética que adoecem e matam mulheres no mundo todo. Assim como a corpa gorda é marginalizada, as três músicas escolhidas para o trabalho vêm de encontro a esse caráter porque fazem parte de um estilo também marginalizado, insurgente: o funk brasileiro, originário das periferias do Rio de Janeiro. E assim como existe o funk que objetifica, que coloca a mulher em uma posição passiva, onde ela existe somente para agradar

sexualmente o homem, também temos o funk feminino libertário: onde as mulheres podem exaltar a liberdade sexual, o próprio prazer, festejam seus corpos como eles são e denunciam os homens que tentam dominá-las de algum modo. As bananas presentes na cena fazem alusão ao órgão sexual masculino, e a destruição delas não representa de modo algum uma aversão aos homens: mas o combate aos misóginos, aos gordofóbicos, a todo homem que vier a violentar fisicamente e/ou psicologicamente uma mulher.

Antes de detalhar cada ato da performance, quero falar sobre as diferenças entre a primeira apresentação e a deste ano. Em 2019, os alunos da disciplina LABORATÓRIO DE PRÁTICA CÊNICA B que optaram por fazer números burlescos, se apresentaram no único bar burlesco de Porto Alegre: o *Von Teese Bar*, que hoje está fechado porque não foi possível mantê-lo durante a pandemia. O espaço de apresentação era o mesmo das mesas do bar: quando havia alguma performance, as mesas eram um pouco afastadas para dar lugar aos artistas. Não havia um palco e isso era muito positivo, pois o performer poderia jogar, brincar à vontade com o público. O espaço era pequeno, mas estava lotado, com pessoas sentadas e em pé. Elas vibravam e eu sentia toda aquela energia, que me fazia realizar tudo com mais vontade ainda, crescendo em cena.

Já a performance que eu descrevo aqui, mais ao final deste texto, foi filmada para ser apresentada virtualmente: com a pandemia acontecendo, as aulas virtuais substituíram todas as atividades presenciais na maioria dos cursos universitários. A cena foi repensada e entrou uma parte totalmente nova, que constitui o primeiro ato da performance. Ações foram melhoradas. Mas como eu tive receio de contaminação por Covid-19, não procurei um profissional para fazer a filmagem, minha irmã gravou tudo com orientações minhas. Não teve a euforia da apresentação com plateia e os improvisos que acontecem na emoção do momento: foi tudo mais calculado, com cenas gravadas várias vezes. Quase no prazo para a entrega do trabalho, consegui ajuda com a edição. A editora juntou as partes do vídeo, resolveu as passagens entre elas, e sincronizou o áudio: fez o melhor que pôde em tão pouco tempo. A falta de ensaio com o orientador foi mais uma diferença. Na primeira vez que apresentei, o professor conferiu antes a performance em sala de aula, com os colegas assistindo também. Já este ano, só consegui conversar com ele sobre a cena. Não houve a possibilidade de ter um ensaio gravado porque isso dependia de vários fatores, como a disponibilidade de tempo e espaço: foi mais prático filmar tudo de uma vez só.

Depois de pronto, meu vídeo foi exibido no evento “Burlando em Horário Comercial”, mostra de trabalhos de conclusão dos alunos da disciplina

LABORATÓRIO DE PRÁTICA CÊNICA B, que em 2019 fui discente e este ano participei monitorando, como já havia citado. A exibição foi virtual, via plataforma *Zoom*, com entrada franca. Nesse tipo de acontecimento, os espectadores costumam ficar o tempo todo com os microfones desligados: o único que fala antes e depois de cada apresentação é o mestre de cerimônias. Mas as manifestações por escrito, via chat, podem acontecer o tempo todo: é uma maneira de tentar substituir a recepção presencial do público, que contava com os gritos de incentivo durante as performances e o retorno (beijos, abraços, elogios) aos artistas logo após as apresentações. Enquanto meu vídeo era apresentado, acompanhei os elogios que apareciam. Mas o retorno dos colegas e do professor sobre todos os vídeos foi feito na última aula do semestre, que eu não pude estar presente. Então, sim, foram dois processos e dois resultados muito diferentes entre si, a performance presencial e a virtual. Embora eu prefira o trabalho como era antes da pandemia, e penso também que a minha gravação tenha ficado muito amadora, a necessidade de se adaptar às condições atuais me ensinou a ter mais autonomia e fazer o melhor com os recursos disponíveis.

DEMÔNIA DEVORADORA DE CARALHOS

ATO I – ÂNSIA

(Funk 1: “Krl que cheiro de pika” – autor e intérprete, da versão utilizada, não encontrados)

A demônia gorda com chifres luminosos está em sua casa, lendo *A ERVA DO DIABO*, de Carlos Castañeda, quando sente um certo odor característico e descobre as bananas próximo a ela. Com a necessidade de agradar para ganhar algum tipo de afeto, a demônia realiza algumas manobras de massagem tântrica masculina na banana e depois a insere profundamente na garganta. Em seguida, retira a banana e fica alguns segundos admirando-a. É importante salientar que o machismo ainda impõe às mulheres uma cultura de responsabilidade sobre o prazer masculino: vários perfis em redes sociais lucram ensinando às mulheres como “enlouquecer de prazer seus homens”, muitos com a falsa premissa de autoconhecimento feminino. E a presença da massagem tântrica na performance foi, justamente, uma sátira aos anseios mercadológicos de agradar os homens e uma crítica ao conteúdo que alimenta esses desejos nas mulheres.

ATO II – REVOLTA

(Funk 2: “A Porra da Buceta é Minha” – autoria e interpretação de MC Mirella)

Quando a demônia percebe que só queriam dela um momento sigiloso de prazer e nada mais, ela estraçalha as bananas com as mãos e os dentes. A vingança é plena.

ATO III – EMPODERAMENTO

(Funk 3: “Toda Grandona” – autoria não encontrada, interpretação de Rap Plus Size)

Com a mesma corpa que os homens hipersexualizam no privado e tanto rejeitam em público, a demônia inverte as cartas e se empodera fazendo um strip-tease: há beleza e poder em si mesma e na sua exposição. Ela dá as cartas, ela se valoriza. A performance tem seu ápice com a demônia girando os *pasties* (tapa-seios com cordinhas que giram, característicos do burlesco) dos seios e das nádegas. Fim.

Finalizando, trago uma reflexão sobre como viver com mais qualidade e continuar fazendo arte sendo uma mulher gorda. Siga influencers gordas nas redes sociais, você precisa ver corpas parecidas com as suas. Corpas gordas bem-sucedidas, que mostram ser possível existir e resistir: atletas, bailarinas, modelos, ativistas, cantoras, atrizes. Se elas podem, você também pode. Leia sobre ativismo e feminismo gordo. Na academia, busque se conectar com professores, colegas e pesquisadores que tenham um discurso decolonial e despatriarcalizador em seu trabalho. E estude o trabalho de outras artistas gordas. Quando descobrimos que não estamos sozinhas, ficamos muito mais fortes.

REFERÊNCIAS CITADAS

ARRUDA, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. In: **Líbero**, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, nº 46, jul./dez. 2020.

CONCEIÇÃO, Giorgia Barbosa da. Qual é o lugar do Burlesco no Brasil?. In: **Horizonte da Cena**, 12 de junho 2018. Disponível em: <https://www.horizontedacena.com/qual-e-o-lugar-do-burlesco-no-brasil/>. Acesso em: 14/08/2021.

JIMENEZ, Maria Luiza Jimenez. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. In: **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2020, v. 4, n. 1, p. 144-161.

MAGALHÃES, Maria Fernanda Vilela de. Mulheres gordas nuas nas produções em arte: absurdas provocações. In.: **Anais WOMEN'S WORDS CONGRESS**, 13, Florianópolis, 2017.

METZ, Márcia Teresinha. **Gordas, gordinhas, gorduchas**: a potência cênica dos corpos insurgentes. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Porto Alegre, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.